

Pascal Quignard

**Um Incómodo Técnico em
Relação aos Fragmentos**

DERIVA

TÍTULO
UM INCÓMODO TÉCNICO EM RELAÇÃO AOS FRAGMENTOS
TÍTULO ORIGINAL
UNE GÊNE TECHNIQUE À L'ÉGARD DES FRAGEMENTS

AUTOR
Pascal Quignard

TRADUÇÃO
PEDRO Eiras

ISBN
978-972-9250-xxxx

REFERÊNCIA

1506001

FORMATO

10x18cm

1ª EDIÇÃO

Outubro 2009

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxxx

IMPRESSÃO

Rainho & Neves, Lda.

DERIVA EDITORES
Rua de Santo Ildefonso, 85, 5º, sala 2
4000-468 PORTO
TELEFONE E FAX
351 225 365 145
E-MAIL

deriva@derivaeditores.pt
www.derivaeditores.pt
www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Fundação para a Ciência e Tecnologia

© Deriva Editores, 2009

COLECÇÃO PULSAR

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, inclui textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.



Pascal Quignard

**Um Incómodo Técnico em
Relação aos Fragmentos**

Ensaio sobre Jean de La Bruyère

**Tradução e posfácio
de Pedro Eiras**



Nota a inserir

Claude Simon definia o moderno: o que já não suporta a ligação.

Seng Tsan escreveu: Se os pensamentos estão ligados, já não são frescos.

Esta definição como *desligar* é muito profunda porque a vida não é terminada com a morte. A vida não é mais do que interrompida pela morte. A arte moderna gosta menos da morte, da perfeição, da crucifixão, do acabamento, do que o cristianismo. A interrupção é muito mais modesta e viva do que a pseudo-síntese ou a pseudo-finalidade.

Um Incómodo Técnico em Relação aos Fragmentos foi publicado na revista *Furor* em Abril de 1984. *Um Incómodo Técnico em Relação aos Fragmentos* foi novamente publicado pelas edições Fata Morgana em 1986. Uma edição de 2003 foi feita sem o acordo do autor. A presente edição, *Um Incómodo Técnico em Relação aos Fragmentos. Ensaio sobre Jean de La Bruyère*, relida, revista, corrigida, retocada, recomposta, é definitiva.



Capítulo I

Jean de La Bruyère tinha uma preferência acentuada pelo verde. Com uma guitarra, fazia palhaçadas. Era feio. A parte de baixo da sua cara foi-se tornando mais pesada e achatada. Os lábios eram grossos e talhados por uma espécie de amuo cada vez mais demorado. Como toda a gente, esticava as mãos, o nariz, o olhar, na ansiedade de ser amado, mas de cada vez que teve expectativas de seduzir acabou a chorar os seus desgostos. Ganhou assim uma espécie de dor, no mínimo inestética e disfarçada, uma espécie de caruncho. Além disso, rígido, burguês, fiel, vaidoso, espampanante, inquieto, azedo, com um evidente ridículo, uma extrema gravidade no humor. Tinha a alma cravejada de desprezos. Era extremamente sensível, de uma delicadeza infinita em relação ao que o feria, mudo perante o ataque, cultivador da lesão, desperto para a extrema consciência de tudo, enfim, um realista prodigioso, quer dizer, desenganado. Não era dotado de qualquer tipo de desembaraço: as cartas a Phélippeaux mostram-no com um ar tão pesado e tão simplório que nem chega a ser lastimável. Tudo nele repugnava à amizade. Costuma ser descrito pesadão como uma montanha,

taciturno, com ar de camponês pobre, esguedelhado. Até Ménage reconhece – com a inevitável lítotes escrupulosa – que não lhe tinha parecido que ele fosse um grande falador. Nenhum contemporâneo compreendia o prazer que sentia em pinchar e fazer macacadas – pelo menos por que não o fazia no segredo do seu quarto e por que obrigava todos a assistirem. Galand conta que o Senhor Fougères, oficial da Casa de Condé, dizia que “o Senhor de La Bruyère não era um homem de conversação, e tinha impulsos de dançar e cantar, mas mui desagradavelmente”. Boileau, numa carta a Racine, lamenta que a natureza não o houvesse feito tão agradável quanto ele parecia ter vontade de ser. Valincourt nota que as pessoas não paravam de troçar e deplorava que o medo de parecer pedante o tivesse lançado no ridículo oposto. Poucos ou nenhuns amigos, a não ser Bossuet, e Antoine Bossuet. Era obcecado pela tranquilidade. Às vezes tinha medo de perder a quietude e de ficar longe dos seus livros. Compreende-se o juízo, em suma, muito breve, que Saint-Simon proferiu quando Jean de La Bruyère morreu: é uma igual paixão linguística, um mesmo medo dos negócios, de tudo o que nos desvia de espiar e de escrever, exaltando a acção apenas para a adiar. No estilo e na arte dos retratos, na variedade das maneiras, Saint-Simon aprendeu muito com ele.

Além disso tudo, um habilidoso, com o seu quê de falsificador, assaz devasso, publicitário às claras, a marcar as cartas, a disfarçar quanto copiava. Não rigorosamente avarento, mas fa-

miliar e circunspecto. Adquiriu com o irmão e a irmã uma casinha de campo em Sceaux-les-Chartreux onde nunca pôs os pés. Com um espírito incansável, ou seja, infeliz, tudo o que nele arquivasse fermentava, infectava sem ele se poder moderar ou controlar. A toda a hora, tinha a alma esfarrapada pelo sentimento da inveja. Estava ingenuamente convencido de que não tinha encontrado na sociedade o lugar que se sentia digno de ocupar. Numa espécie de exíguo redil no fundo do cérebro engordava um rebanhozinho de rancores que o tempo ia multiplicando. Não tinha o espírito mais expedito deste mundo para aproveitar a ocasião de uma vingança; precisava de tempo, de brunir minuciosamente o dardo, concentrar o veneno, e era a frio, como quem já tivesse esquecido, que dava uma brusca ferroadada de extrema virulência. Certamente sentia alguma alegria ao ver uma dor que se amplifica e de que a vítima não recupera. O seu triunfo era ao mesmo tempo desolado e secreto. Celibatário, rabugento, narcísico, nessa língua bastante recente que os franceses falam, e que não tem um milénio, foi o primeiro prosador que se ancorou assiduamente na perfeição da forma pelo prazer da sua beleza. Percebe-se o que dá a entender esta mania inquietante do cuidado que La Bruyère dedica a tudo quanto deixa separar-se dele próprio em pedacinhos, esta atenção ao dejecto, este polimento do despojo ou da miniatura. É fácil ver como se correspondem este corpo que vive apenas para si mesmo e este gosto da arte pela arte.



Referências

BARROS, João de

1941 “La Bruyère (1645-1696)”, in La Bruyère, *Os Caracteres*, Lisboa, Sá da Costa: IX-XV.

FLOR, Fernando R. de la

2000 *Blocao. Arquitecturas de la Era de la Violencia*, Madrid, Biblioteca Nueva.

NAVARRE, Octave

1964 “Introduction” a Teofrasto, *Caractères*, 3ª tiragem, Paris, Les Belles Lettres: 13-36.

QUIGNARD, Pascal

1986 *Une Gêne Technique à l'égard des Fragments*, Paris, Fata Morgana.

1991 *Tous les Matins du Monde*; ed. ut.: Paris, Gallimard, 2002.

1996 *La Haine de la Musique*; ed. ut.: Paris, Gallimard, 2000.

2005 *Une Gêne Technique à l'égard des Fragments. Essai sur Jean de La Bruyère*, Paris, Galilée.